

PERCEPÇÕES DE ORIENTADORES EDUCACIONAIS SOBRE APOIO E PARCERIA

Izabel Cristina de Souza (1); Priscila Andrade Magalhães Rodrigues (2)

(1,2) Universidade Federal do Rio de Janeiro – izabel.souza.rj@gmail.com; priscilaapri@gmail.com

Resumo:

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar reflexões de orientadores educacionais sobre o apoio dos pares e a parceria com os demais membros da comunidade escolar, especialmente no momento inicial da carreira, para a realização de sua ação educativa. A metodologia utilizada foi a análise qualitativa de entrevistas semiestruturadas realizadas com cinco orientadores educacionais efetivos em redes de educação municipais da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Os resultados indicaram positivamente o acolhimento recebido pela equipe na inserção nas escolas. Foram destacados o apoio e parceria dos orientadores educacionais mais antigos, orientadores pedagógicos, docentes, dirigentes de turno, inspetores e diretores. A construção de um trabalho coletivo e articulado com os atores escolares e com órgãos e setores externos mostraram-se como muito potentes para a Orientação Educacional contemporânea.

Palavras-chave: orientação educacional, apoio, parceria.

Introdução

A Orientação Educacional é um campo da educação que permanece em atuação nas escolas brasileiras, apesar de ocupar atualmente um lugar distinto na legislação nacional e se caracterizar de modo diferenciado de sua origem de bases européia e norte-americana.

Desde 1996, a partir da Lei nº 9.394, a Orientação Educacional tem se debruçado sobre a construção de uma ação mediadora, interdisciplinar, coletiva e integrada com todos os envolvidos na esfera educacional, comprometida com o processo pedagógico das escolas onde se faz presente, de maneira contextualizada com a realidade (GRINSPUN, 2011). Em relação às funções específicas com os discentes, foco maior da Orientação Educacional, propõe-se uma atuação que toma como diretriz o desenvolvimento integral dos alunos em seus múltiplos aspectos, considerando seus desejos, utopias e paixões numa ação em prol da cidadania (GIACAGLIA E PENTEADO, 2010; GRINSPUN, 2011).

Observando relatos de profissionais da Educação de variadas redes de ensino, é possível tomar ciência de redes de ensino que mantêm setores de Orientação Educacional, enquanto outras não possuem orientadores educacionais há bastante tempo, por motivações diversas e, em muitos casos, desconhecidas. Além disso, a produção acadêmica sobre a realidade contemporânea da Orientação Educacional é bastante reduzida.

Considerando a Região Metropolitana do Rio de Janeiro, um levantamento realizado pela autora em 2017 sobre os concursos públicos que provém profissionais para atuar na Orientação Educacional mostrou que, dentre os 21 municípios da região, 16 realizaram

concurso preenchendo vagas de orientador educacional na última década. Tal dado indica que, a Região Metropolitana fluminense apresenta profissionais que se inseriram recentemente neste campo de atuação.

O objetivo deste estudo é analisar as reflexões de orientadores educacionais de escolas municipais fluminenses sobre o apoio dos pares e a parceria com os demais atores escolares, especialmente no início da carreira neste campo da educação, compreendendo como estes aspectos impactaram na construção do seu fazer profissional na Orientação Educacional.

Metodologia

O trabalho aqui apresentado é um recorte de um trabalho monográfico defendido pela autora em 2018, sob o título “Orientadores educacionais na escola pública fluminense: trajetórias acadêmicas e profissionais”, como requisito para a conclusão do curso de Pedagogia na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A metodologia adotada foi a análise qualitativa de entrevistas semiestruturadas, realizadas com profissionais efetivos da Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro nas escolas onde trabalham. As entrevistas se fundamentaram nos pressupostos de Duarte (2004) sobre entrevistas em pesquisas qualitativas.

Foram entrevistados cinco orientadores educacionais que atuam em seis municípios distintos da região-foco do estudo, todos graduados em Pedagogia. Os participantes do estudo tiveram os nomes omitidos pela questão ética e foram referenciados seguindo a ordem alfabética dos municípios onde atuam: OE1 (orientador educacional de Belford Roxo), OE2 (orientador educacional de Duque de Caxias), OE3 (orientador educacional de Mesquita e Nilópolis), OE4 (orientador educacional de São Gonçalo) e OE5 (orientador educacional de São João de Meriti).

Resultados e Discussão

Os orientadores educacionais entrevistados relataram algumas questões do início da prática na função, dialogando com a questão do apoio e da parceria com outros atores escolares. Giacaglia e Penteado (2010), sobre as relações dos orientadores educacionais com os outros membros da equipe pedagógica, afirmam que:

O fato de terem formação acadêmica semelhante, de atuarem no mesmo espaço físico e de visarem a objetivos comuns torna não só difícil como, sobretudo, necessária a delimitação clara das atribuições de cada profissional, contribuindo para a melhor compreensão dos respectivos papéis, maior facilidade na execução,

controle e avaliação das tarefas e melhor integração da equipe técnica. Em contrapartida, o desconhecimento das atribuições e de seus limites claros pode gerar expectativas infundadas quando ao desempenho de cada especialista. (p. 65)

Indo mais além a respeito de espaço para inserção de orientadores educacionais nas redes e a relação de seu trabalho com a equipe, Grinspun (2011) defende que:

[...] o orientador tem espaço junto aos demais protagonistas da escola para um trabalho pedagógico integrado, compreendendo criticamente as relações que se estabelecem no processo educacional. O orientador, mais do que nunca, deve estar atento ao trabalho coletivo da escola, atuando harmoniosamente com os demais profissionais da Educação; o trabalho é interdisciplinar. (p. 35)

Dois participantes do estudo, OE1 e OE4, estavam em suas primeiras experiências como orientadores educacionais em 2017, ano em que foram entrevistados. Os demais já tiveram passagens pelo cargo em outras redes de ensino.

A OE1 citou a dificuldade de realização do trabalho com Orientação Educacional na escola. Ela, que já possuía experiência como orientadora pedagógica na rede estadual, exercia a função de orientadora educacional há cerca de cinco anos nesta mesma escola municipal. A fala abaixo sintetizou as questões que a OE1 levanta em torno do seu trabalho:

De 2012 para cá eu tenho tentado desenvolver esse trabalho que é um trabalho muito difícil, a compreensão do que é o trabalho do orientador dentro da escola. É um trabalho que às vezes tem uma interpretação equivocada, muitas pessoas pensam que o trabalho é só fazer o acompanhamento das faltas, aquela coisa toda, mandar as FICAIs¹, chamar pai para conversar sobre falta... O trabalho do orientador vai muito além disso, é um trabalho muito complexo, e difícil, é um trabalho muito difícil. Porque o orientador, pra que ele possa realmente ver alguma das suas ações sendo bem resolvidas e realizadas, concretizadas, ele depende de outras instâncias, de outros setores. (OE1)

[...] eu acho que nesse trabalho do orientador são descobertas diárias que a gente vai fazendo, parcerias dentro da escola, porque a gente trabalha junto com a orientadora pedagógica, que é uma excelente orientadora [...]. (OE1)

Observa-se que a OE1 trouxe um elemento que considera muito negativo a respeito do trabalho que exerce: há um desconhecimento sobre o papel do orientador educacional nas escolas e da potencialidade de suas ações. Ela também enfatizou a necessidade de haver um trabalho articulado com organismos externos à escola para conseguir responder as demandas, reconhecendo também a importância da parceria com a Orientação Pedagógica e outros atores escolares. Também considera que o trabalho é construído no cotidiano da ação educativa.

¹Fichas de Comunicação de Aluno Infrequente; são documentos que as escolas emitem para notificar os órgãos de proteção da criança e do adolescente nas situações de baixa frequência escolar.

A fala do OE4, que trabalhava com orientador educacional há pouco mais de um ano na época de realização da entrevista, exemplificou a sensação que os profissionais podem vir a ter no começo:

Na verdade eu preciso confessar que dá medo. Dá medo porque você quando entra no espaço escolar, você começa a sentir a responsabilidade que você tem. Você começa a olhar os rostinhos, as crianças, aquelas pessoas que estão ali e de certa forma precisam que você faça algo junto com elas e até mesmo por elas [...]. E isso foi difícil porque justamente eu não tive formação específica do campo de atuação, eu não sabia necessariamente o que era um OE, a não ser o que eu tinha estudado pro concurso. Agora efetivamente o que era ser um OE, no dia a dia da escola, nas demandas da escola, eu não tinha a menor ideia do que era isso. E ainda estou construindo esse caminho. Porque cada dia que passa eu estou descobrindo uma coisa nova que direciona um pouco os meus projetos, as minhas atuações. Então assim, é sempre novo, é uma prática sempre nova. O início foi difícil, está sendo difícil porque ainda é o início, mas a gente ainda vai caminhar bastante ainda. (OE4)

Percebe-se, no relato de OE4, a marca de um sentimento de medo diante de se assumir as responsabilidades que a atuação profissional pressupõe. Para ele, a dificuldade se tornou ainda mais intensa pela falta de formação específica na área, a qual só conheceu através dos materiais que utilizou como fontes de estudo para o concurso público. Por sua vez, OE4 mostrou-se motivado a construir sua trajetória como orientador educacional. A novidade das práticas educativas ressaltada por OE4 é uma característica vista nas escolas. Estas instituições apresentam uma marca de vivacidade, onde acontecem diferentes fenômenos cotidianamente por ser um espaço de interseção entre atores distintos: estudantes, professores, grupo de apoio, gestores, familiares e a comunidade do entorno. Assim, novas práticas vão sendo tecidas no ambiente escolar, modificando e sendo modificadas pela realidade social.

Em outro momento da entrevista, OE4 lembrou a recepção que teve pela equipe escolar, ao se apresentar para iniciar os trabalhos como orientador educacional:

Eu acho que é fundamental você ser bem acolhido como profissional. [...] Eu fui acolhido de uma forma muito afetiva, muito acolhedora e eu me senti bastante apoiado. Todos os profissionais entenderam que eu era iniciante, todos perceberam isso, mas também todos os profissionais me apoiaram, têm me respeitado, têm acolhido as minhas colocações, têm me orientado, têm me ajudado em algumas coisas, alguns toques de professores, da direção, até mesmo da secretaria que a gente tem contato direto, são secretárias experientes, que têm sempre me orientado e dado dicas... Então nesse sentido assim, o espaço que é o espaço do acolhimento, é fundamental para o profissional que está iniciando. (OE4)

Trabalho muito junto com a OP. Ela também foi de radical importância pra mim, por também me ajudar nessa caminhada, assim, me orientar algumas coisas que se devia fazer, que não se devia fazer, algumas posturas que se deveriam ser tomadas, outras que não poderiam ser tomadas... Do ponto de vista documental, como é que se escreve um relatório, como é que se escreve um bilhete, como é que você lida com certas situações, então assim, foi fundamental o trabalho da orientadora pedagógica me ajudando nesse sentido. (OE4)

A fala do OE4 apontou a importância do acolhimento que teve pela equipe escolar para o começo da trajetória na Orientação Educacional. É necessário ressaltar que ele também procurava ter uma postura de ouvir as orientações dos colegas, encarando este diálogo como fundamental na construção de sua prática profissional. Ele destacou principalmente o apoio da colega orientadora pedagógica, com a qual trabalha diretamente na escola, para aprender algumas práticas de trabalho cotidianas.

A OE5 se inseriu como orientadora educacional há cerca de cinco anos em outra rede de ensino, na qual foi lotada como professora e desviada para a função de orientadora educacional. No município onde fez concurso para a Orientação Educacional, estava há pouco mais de três anos no período de realização da entrevista. Na fala abaixo, comparou a inserção como orientadora educacional nas duas redes:

Quando eu comecei a trabalhar no outro município, tinha outra pessoa também que trabalhava e ela me ajudou muito também, aí a gente vai pegando a vivência, vai pegando a questão de como é. [...] Quando eu vim pra cá aí era outra rede, era outra coisa. Então, aí eu vim trabalhar mesmo com Orientação Educacional. Aí ela (aponta para a mesa da outra orientadora educacional) me ensinou muita coisa, muitas técnicas, papéis. Então aqui a gente está com tudo já organizadinho, lá (no outro município) não está, aqui está tudo organizadinho. [...] Isso ajuda muito, você ter uma equipe que um soma com o outro, um ajuda o outro... (OE5)

No entendimento da OE5, a diferença na organização do trabalho das duas redes em que atua é bastante marcante. Cabe destacar que a escola da rede na qual OE5 atua como servidora concursada para o cargo estava com o trabalho mais organizado do que a escola da rede onde OE5 é servidora em desvio de função. Enalteceu o papel das orientadoras educacionais mais antigas das respectivas escolas, que apresentaram a ela a rotina de trabalho, destacando o apoio dos pares como um fator marcante para o início do exercício da função.

Resgatando o percurso que fizeram, o OE3 lembrou alguns percalços na experiência inicial que teve como orientador educacional na rede de ensino privada, onde permaneceu por 17 anos:

E eu me lembro de exemplos muito complicados que hoje eu me arrependo e vejo que, por imaturidade de início de profissão eu não soube resolver, eu não soube compartilhar com meus parceiros de trabalho. Porque, na época que eu me formei, tinha um discurso muito forte de que a Orientação era algo mais secreto, ainda é, a gente ainda tem que se reservar em alguns assuntos, mas a gente precisa compartilhar com nosso par, meu par no caso é o orientador pedagógico ou a diretora, hoje eu vejo isso claro. [...] Então assim, foi muito complicado o início [...]. Eu acho que eu que me fechava bastante pelo o que eu ouvia, até historicamente, do que era a Orientação em 97, em 96 e 97, era uma Orientação mais de conselho, de aconselhar, uma coisa mais individual, reservada, estava naquele processo de mudança, e acho que por imaturidade mesmo. (OE3)

O OE3 ressaltou na fala acima a dificuldade como profissional iniciante em estabelecer trocas com os pares para dar conta de algumas questões em que fosse necessário o apoio dos pares. Ele atribuiu esta dificuldade às concepções da Orientação Educacional compreendidas no período em que iniciou sua trajetória, já que a área até então tinha um viés de atendimento clínico sobre as questões escolares. Ainda que reconheça a necessidade de um caráter sigiloso sobre algumas questões, tal como defendem Giacaglia e Penteadó (2010), pontuou que algumas questões necessitam ser compartilhadas para serem resolvidas. Somado a isso, o OE3 ressaltou que se considerava imaturo também: quando assumiu a função de orientador educacional na primeira escola privada era muito jovem, tinha 24 anos de idade.

Outro aspecto que OE3 apontou foi a diferença entre as estruturas organizacionais das redes públicas e privadas e o impacto disso no trabalho como orientador:

No particular eu era só, eu tinha o título de orientador educacional, mas eu fazia o pedagógico, eu fazia o educacional, eu fazia inspetor... No público não, pelo menos nos municípios aonde eu atuo. Aqui eu sou orientador educacional, eu tenho uma orientadora pedagógica, eu tenho uma diretora atuante que entende de Pedagogia, eu tenho uma dirigente de turno, ou inspetora, cada município chama de uma coisa, então eu tenho pessoas que me ajudam. No particular era só eu e eu, no máximo a secretária, entendeu, e o dono da escola. (OE3)

Por exemplo, no caso de alunos indisciplinados: o inspetor é que vê disciplina, mas se aquele aluno está atrapalhando a aula, não está aprendendo, o caso vem pra Orientação Educacional, mas a questão da disciplina não é o orientador educacional, é lá o inspetor, se a escola tem. E aí tem que haver esse diálogo: o orientador educacional tem que dialogar com esses profissionais. Se a criança não aprende, e essa é uma das atribuições do orientador educacional, que é acompanhar a aprendizagem, se ele verifica que aquela criança X não está aprendendo, ele vai ter que ter um contato com a orientadora pedagógica e com a professora pra ver o que está acontecendo com aquela criança que não está aprendendo. (OE3)

A diferença entre os profissionais presentes na escola implicavam, no caso da primeira experiência do OE3, no acúmulo de funções na instituição privada. Ele destacou que haver outros profissionais na escola para as outras funções da equipe pedagógica, como acontece nas redes públicas de educação onde atua, é algo que ajuda no seu trabalho como orientador educacional. No entanto, é importante se problematizar que, na concepção crítica de Maia e Garcia (1995), essa multiplicidade de papéis, caso não funcione pautada numa perspectiva de um trabalho coletivo, pode levar os orientadores educacionais e demais profissionais da Educação a terem uma compreensão da prática pedagógica de forma fragmentada, fechados nas funções específicas que exercem e desvinculados da complexidade do processo educacional. OE3 também apresentou, na segunda fala, o trabalho de rede de apoio entre os profissionais de variadas funções para lidar com o caso de um aluno. A visão de OE3 sobre os

diferentes atores em diálogo para lidar com uma questão específica, se relaciona ao que Grinspun (2011) aponta no seguinte fragmento:

Ninguém, na escola, é dono de uma área apenas (supervisor/professor, orientador/aluno-problema, professor-aluno, diretor-escola), mas sim protagonista; cada um tem funções relativas à responsabilidade da área na qual se formou e, portanto, nela investe. O que mais uma vez repito é que, seja qual for a função dentro da escola, cada um tem a sua especificidade, sem perder de vista o conjunto e o modelo final do projeto coletivo da escola. (p.55)

A questão da aprendizagem, temática exemplificada por OE3 no segundo fragmento, é recorrente no discurso dos atores escolares como motivo de preocupação e mobilização, em busca de soluções para os casos dos alunos que não aprendem. Maia e Garcia (1995) compreendem a aprendizagem da seguinte maneira:

“A aprendizagem é um processo dialético que se dá a partir do desenvolvimento biológico, psicológico e social, como produto das práticas sociais, ideológicas e econômicas que caracterizam cada classe social. [...] O aluno é um ser datado e situado e ‘é na ação que ele se constrói e constrói o conhecimento’. Para captar a sua totalidade, é preciso investigar o seu mundo. E aí a orientação educacional teria um papel a desempenhar. Em ação integrada com a supervisão, mobilizar a escola, a família e a comunidade para a investigação coletiva da realidade, na qual todos estão inseridos. É do processo permanente de investigação coletiva da realidade que se torna possível a ação consistente da escola”. (p. 49)

Em falas como a de OE3, onde são citados exemplos de alunos que apresenta dificuldades no processo de aprendizagem ou questões de indisciplina no espaço escolar, é importante que o orientador educacional adote uma postura crítica diante desta queixa. Não se pode deixar de levar em consideração quem é este aluno, o que o constitui, o lugar que a escola ocupa em sua trajetória. Como na citação de Maia e Garcia (1995) e de OE3, será preciso haver uma ação integrada dos vários profissionais se debruçando sobre a questão de modo conectado com a realidade do aluno, investigando e problematizando porque o aluno não aprende ou se comporta de maneira transgressora às normas escolares.

A OE2 conjuga diversas experiências em diferentes redes de ensino como orientadora educacional concursada. Iniciou sua trajetória na área em Niterói/RJ, descrevendo esta experiência como “muito boa, pois lá eles faziam um trabalho todo mundo junto e tal”. Depois, começou a trabalhar numa escola técnica estadual do Rio de Janeiro, na qual teve uma experiência de trabalho bem diferente de Niterói:

Na escola técnica era muito assim, apagar incêndio, e é até hoje: nós éramos poucas, a escola de um ano pro outro cresceu horrores, e por mais que eu não gostasse dessa coisa de: eu estou na orientação, vem um problema de disciplina e tal, lá eu não conseguia fugir disso, eu não conseguia nem sair do lugar, porque era toda hora, toda hora, toda hora... Eu comecei em 96 e em 97 entraram 54 turmas só de 1º ano de uma tacada só... (OE2)

A queixa de OE2 a respeito do trabalho que ainda exerce na rede estadual, se refere principalmente à excessiva demanda de trabalho para uma equipe numerosamente reduzida. Além disso, a Orientação Educacional na instituição ainda tem demandas de um trabalho com caráter pouco preventivo e muito focado na resolução dos problemas que surgem. Isso é um problema na medida em que não há muito espaço para reflexão e trocas entre os profissionais, o que poderia ser benéfico para o próprio trabalho.

Sobre a inserção na rede municipal em que estava como orientadora educacional na realização da entrevista, OE2 relatou o seguinte:

Quando eu cheguei nesta rede, que eu fui recebida pela chefe de Orientação, e tinha todo um trabalho organizado, eu consegui me enxergar. E quando eu cheguei na escola, as professoras me enxergavam enquanto orientadora educacional. (OE2)

Para a OE2, a recepção quando ingressou na rede e a percepção da existência de um trabalho organizado contribuíram para o papel de orientadora educacional que foi construindo na escola de lotação.

A respeito do trabalho de parceria e apoio da equipe escolar, OE2 relembra o que viveu nas primeiras experiências na rede:

As minhas professoras lá da zona rural eram maravilhosas, elas faziam rascunho de relatório. Eu fiz um caderninho lindo pra cada uma, elas rascunhavam os relatórios eu lia tudo no rascunho e elas passavam a limpo. As minhas amigas orientadoras ficavam assim: como é que você consegue? Eu falava: gente, tudo é um trabalho de conquista, não foi do dia pra noite... No meu primeiro ano na escola era um horror, só que o que acontecia: eu acabava tendo que mexer um pouco nos relatórios, porque era alguma coisa que eu também assinava. Então elas conseguiram compreender que era um trabalho de equipe, de parceria. Não podia ser só o que eu queria e só o que elas queriam, a gente tinha que conversar, e trocar ideia, porque eu assinava o relatório junto com elas. E eu era sozinha na escola, eu não tinha orientadora pedagógica. (OE2)

Nesta fala, OE2 explicitou, através da situação de se fazer relatórios da Educação Infantil, sobre a necessidade de construir uma parceria com a equipe para exercer melhor suas atribuições de orientadora educacional.

A avaliação da OE2 sobre o apoio que recebeu nas escolas onde atuou e a parceria com outros atores escolares se expressa abaixo:

[...] de uma maneira geral sempre fui bem recebida, algumas colegas OPs² estranham um pouco essa minha mania de querer entrar na sala de aula, mas a partir do momento em que elas entendem o meu trabalho e os professores também, sabe, eu nunca tive problema assim, do professor se recusar que eu faça uma eleição de representante por exemplo, quando eu entro na sala pra conversar com as crianças, nunca tive não, desde esse meu primeiro trabalho. (OE2)

² Orientadores pedagógicos.

[...] eu acho que o trabalho do orientador educacional ele é um trabalho de equipe. Porque não adianta, a criança levada vem pra cá, eu converso, converso, converso, eu vou à turma, converso, converso, converso, converso, e daqui a pouco a criança está batendo aqui e falando assim: puxa tia, a tia perdeu a paciência e chamou a gente de burro... [...] Ela destrói. A gente faz todo um trabalho com a criança... (OE2)

Na percepção da OE2, o apoio que recebeu nas escolas foi bastante positivo e está atrelado ao conhecimento que os demais atores escolares começam a ter sobre a prática de trabalho que realiza. Desta maneira, a OE2 entende que apresentar o trabalho que realiza aos pares, sejam orientadores pedagógicos ou docentes, é algo importante para a sua função. Ressalta que o trabalho em Orientação Educacional precisa envolver a equipe para beneficiar aos alunos, foco central da função que exerce na escola.

Sobre a fala da professora desqualificando o potencial de aprendizagem dos alunos, é importante destacar, mais uma vez, o papel do orientador educacional diante deste tipo de questão como as citadas pela OE3. O profissional precisa ter uma visão crítica, contextualizada com a realidade na qual acontecem estas tensões. Ao problematizar as nuances das situações, junto com os demais profissionais da escola, familiares e a comunidade o orientador educacional poderá repensar as contradições que ali se entrecruzam e assim tecer um trabalho coletivo e integrado com uma proposta em prol da formação de cidadãos críticos e questionadores da estrutura social vigente.

Conclusões

Os orientadores educacionais entrevistados, dentro de suas singularidades, destacam positivamente o apoio dos pares e a parceria da comunidade escolar para o trabalho que constroem nas redes públicas municipais fluminenses.

Tecendo reflexões sobre a questão, alguns aspectos foram destacados no discurso dos cinco entrevistados. Na concepção dos participantes do estudo, o trabalho que realizam precisa ter um caráter articulado dentro da escola, com outros atores escolares, e fora da escola, com órgãos e setores que auxiliam na construção de ações conjuntas.

Dentre os atores das escolas que apareceram como principais parceiros da Orientação Educacional, especialmente dos orientadores educacionais iniciantes, os participantes citaram as orientadoras educacionais mais antigas nas escolas, que compartilharam experiências de organização do trabalho cotidiano na instituição; as orientadoras pedagógicas; as docentes; os dirigentes de turno; os inspetores e as diretoras. Os entrevistados entendem que é importante estar em diálogo constante com estes profissionais para melhor construir o trabalho. O

acolhimento do orientador educacional iniciante pela equipe escolar mostrou-se como muito relevante para motivar o profissional recém-chegado e romper com a sensação de medo que aparece nos momentos iniciais da prática enquanto orientador educacional.

Esta multiplicidade de atores no contexto escolar da rede pública, que difere do cenário anterior vivenciado por um dos entrevistados na rede privada, não pode perder de vista a necessidade de que os mais variados papéis estejam voltados para a construção de um trabalho coletivo (MAIA E GARCIA, 1995). É preciso que os diferentes atores escolares estejam concentrados no projeto coletivo defendido pela escola e que é construído coletivamente e cotidianamente pela ação educativa de todos (GRINSPUN, 2011).

O discurso dos participantes do estudo também nos permite tecer críticas à uma visão fragmentada da prática de Orientação Educacional como ainda ocorre em algumas redes, focadas na solução de problemas emergenciais e sem tempo para diálogo com os pares. Esta prática esvaziada de sentido não é capaz de compreender os alunos em suas variadas e complexas dimensões e, mais do que isso, pouco contribui para a construção de novas práticas pelos orientadores educacionais em exercício nas escolas.

Referências

BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 03 set. 2017.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em Revista**. Curitiba, n. 24, p.213-225, dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n24/n24a11.pdf>. Acesso em: 03 set. 2017.

GIACAGLIA, Lia Renata Angelini. PENTEADO, Wilma Millan Alves. **Orientação Educacional da prática: princípios, histórico, legislação, técnicas e instrumentos**. 6ª ed. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

GRINSPUN, Mírian P. S. Zippin. **A orientação educacional: conflito de paradigmas e alternativas para a escola**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MAIA, Eny Marisa. GARCIA, Regina Leite. **Uma orientação educacional para uma nova escola**. 7ª ed. São Paulo: Ed. Loyola, 1995. (Coleção Espaço, 5).